



# Maria

Atravessa  
o Atlântico

autoras

Margarida Fonseca Santos  
Maria João Lopo de Carvalho

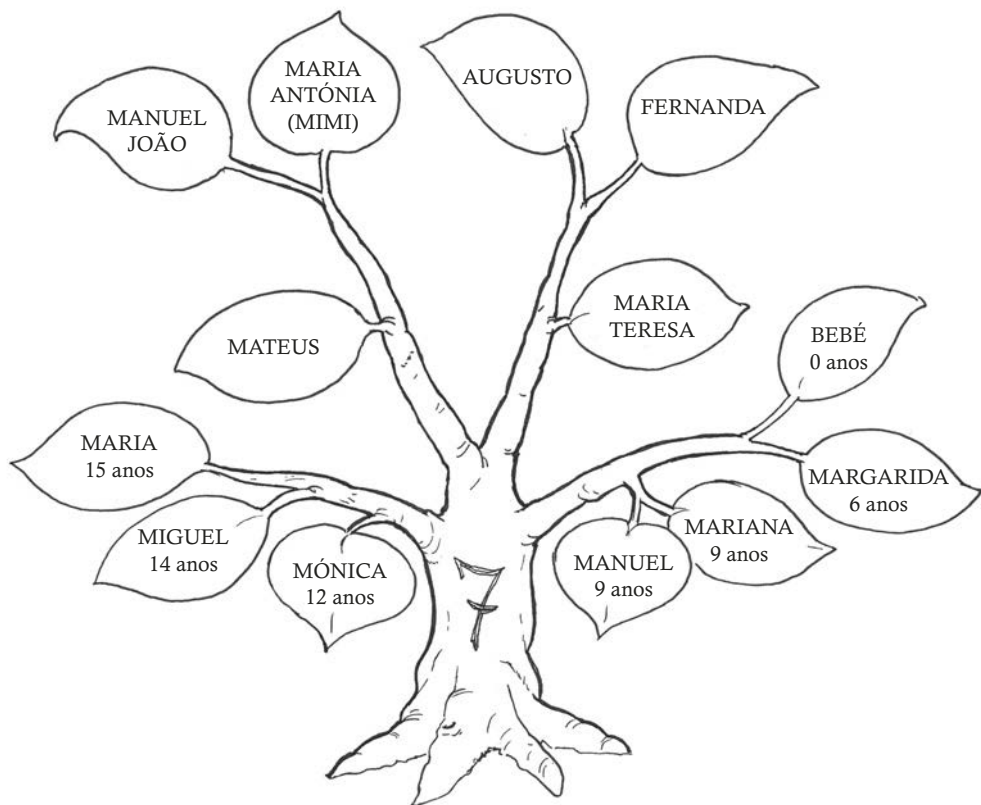
ilustrações  
Miguel Gabriel

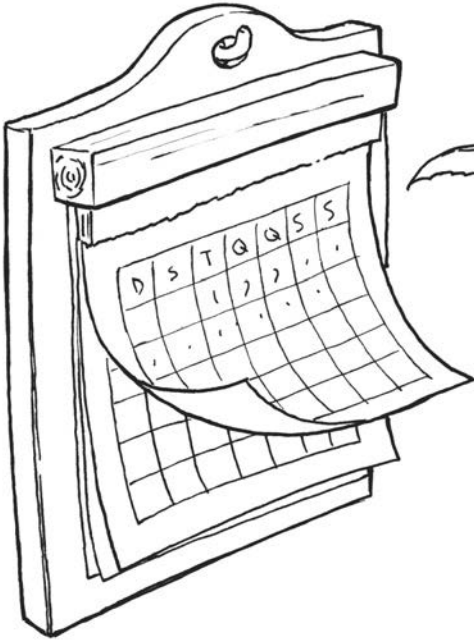
O	F	I	C	I	N	A
D	O	L	I	V	R	O



Conheces a Família dos 7 Irmãos?

Aqui vai...





## UM

*Faltam nem mais nem menos do que 32 dias e meio... começo a sentir um aperto no estômago, ou no coração, nem sei bem.*

*Deixar a minha família, a escola, os amigos e sobretudo o João Pedro! O «meu» querido João Pedro, que anda tão triste... deixá-lo aqui durante um ano inteirinho! Ai! Custa-me tanto...! Nem sei como me meti nisto... Estou dividida ao meio como uma laranja em duas metades.*

*Por um lado, é um sonho passar um ano nos Estados Unidos, ter uma nova família, uma escola diferente, tantas novidades, e neve, muita neve – dizem que chega a fazer 40 graus negativos! Por outro lado, aguentar as saudades... Parece que já olho para tudo à minha volta como se já não pertencesse a este lugar... como se não pudesse já tocar nas coisas que são minhas, agarrar nas pessoas de quem gosto: na mãe, no pai...*

Será que me vão esquecer? Será que me vão arrumar numa estante como um livro já lido? Será que se vão evaporar do meu coração, e eu, do deles? E a Madalena? Quando eu voltar, 351 dias depois, já estará quase com 3 anos e a falar pelos cotovelos, independente e a ir para a escola, coitadinha da minha afilhada... E se ela me esquece como a um brinquedo que lhe tiraram da frente? Ai, nem quero pensar nisso...

Às vezes pergunto-me como é que decidi tão depressa a embarcar nesta aventura, e como é que o pai deixou! Isso é que me espanta: sempre tão conservador, sempre tão antiquado... Enfim, vá-se lá compreender os adultos! Diz que já dei provas de maturidade e que viver um ano no estrangeiro é um desafio importante no crescimento. Vou fazer 17, é o último ano do liceu – o 12.º – ou da high school, melhor dizendo, já que é bom ir-me habituando a pensar em inglês, como faz o João Pedro... Fraco consolo, deixar o meu namorado preso ao Skype, ao Messenger, às cartas e aos SMS; apenas isso nos vai aproximar durante um ano inteirinho.

Vou perder muita coisa aqui: as vitórias do Miguel no futebol, por exemplo! Que falta me vai fazer este irmão rufia, que só pensa em ganhar, nem que seja a feijões... E a Mónica, com as suas mil proezas em BTT, que, mal aterrada aqui em casa vinda do campo de férias, é logo apanhada por esta bomba! Não me vai

perdoar por não lhe ter contado antes, mas como é que o podia ter feito? Foi um segredo bem guardado, entre mim e os pais, até ter recebido a carta de aceitação como estudante nos Estados Unidos e na família de acolhimento para casa de quem vou viver... E que família!...

Adiante, porque não posso pensar muito nisso, nem escrever tudo aqui no diário... Parece que, quando escrevo, as coisas ganham outra solenidade, tornam-se mais intensas, e eu não quero sentir demais porque fico com medo de não aguentar... E se não aguento mesmo? Se não aguento um oceano de distância...? E se tenho de passar pela humilhação de desistir...? Não! Isso nunca... Vou ser capaz, eu sei que sim!

A Mariana, essa, agora olha para mim de lado, como se eu já não fizesse parte da família, como se os tivesse traído e fosse já uma estranha aqui em casa. Aquela miúda não tem emenda! Quase não me fala, amouou quando soube – acho que tem medo de se sentir desprotegida! Apesar de tudo, ainda sou eu que lhe encubro muitas das asneiras que apronta... Eu e a Alice, que anda de lágrimas nos olhos, sem perceber muito bem o que me levou a tomar esta decisão:

– A menina Maria não julgue que lá na América fazem estes pastelinhos de bacalhau, nem estes rissóis, nem o doce de ovos de que a menina tanto gosta... vem de lá empanturrada em hambúrgueres e Coca-Cola, tão maltratada! Eu cá não concordo nada

com essas modernices! Se fosse eu que mandasse, a menina não ia, que faz cá muita falta... Sabe-se lá quem são os senhores que vão tomar conta da menina...! Nem sei como é que o paizinho deixa...

Que falta me vais fazer, querida Alice! Já o Manel, agora com 11 anos, tal como a Mariana, vem sentar-se ao meu lado e enrosca-se todo em mim como se fosse um bicho-de-conta, parece que não quer largar-me! Logo o Manel, que nunca pareceu sequer dar pela minha existência cá em casa, agora persegue-me como uma sombra. Põe-se a olhar para dentro dos meus olhos com um olhar tão triste... igualzinho ao Mister quando ralhamos com ele! Não vou para o fim do mundo, a América é já aqui ao lado; mas, por mais que lhe explique, ele diz que são mais de cinco mil quilómetros e que é demais imaginar tanto espaço vazio entre mim e ele!

Tenho mesmo de ser forte! – Ouviste, Maria? Para de escrever e ouve: «Tenho de ser forte.» Estamos entendidos? Pronto! OK! Não se fala mais nisso. F-O-R-T-E!

E a Margaridinha, que agora anda a centrar toda a sua atenção na Madalena? Pobre da nossa ciganita, que é o alvo dos maiores disparates que a Margarida comete. No fundo, a Margarida anda outra vez cheia de ciúmes da nossa irmã bebé; ainda ontem foi buscar a tesoura de unhas da mãe e cortou-lhe o cabelo todo... Sempre a tentar mandar na outra!



A Madalena, coitada, sem perceber nada, lá obedece à minorca de 7 anos como se a Margarida fosse uma mãe. Na verdade, de quem a Madalena gosta mesmo é da Mónica: é vidrada na Mónica, tão giro! Aquela maria-*rapaz* tem mel... vá-se lá saber porquê. A Madalena e o Mister andam atrás da Mónica para todo o lado...

Será que a minha nova família americana tem um cão?... Que estupidez, como se alguém, ou, melhor, algum cão pudesse substituir o nosso Mister... Quando penso nisso, quando penso em todos... nos avós, na Joana, na Clara, na Francisca, até no Hugo e no Daniel... e no João Pedro...!

Será que fiz bem? Será?

\*\*\*\*\*

– Anda cá conhecer o «adjunto» do *Mister*, Maria!

Era a Mónica que entrava desenfreada pelo quarto da Maria adentro, com o coelho ao colo.

– É tão querido, não é? Já viste o nariz dele, cor-de-rosa? Parece que está sempre a fungar.

A Maria levantou os olhos do diário e não pôde deixar de sorrir ao ver uma irmã tão suja e despen-teada como aquela que lhe acabara de entrar pela porta! A Mónica não parava de falar, como se pressentisse que era com a Maria que se passava alguma coisa de anormal. Com

este artifício tentava adiar a estranha revelação que podia não ser do seu agrado.

– Estás a ver? Foi o Filipe que me deu! Deixa-me contar-te tudo, Maria! Olha, *Estrelinha* – disse ela, falando com o coelho –, este é o quarto da Maria, a nossa irmã mais velha! Nada de fazer chichi no chão! Vá, isso mesmo, vai dormir uma sesta para debaixo da cama... e com juízo, estás a ouvir?

Pousou o coelho no chão com muito jeitinho e continuou a despejar em catadupa todas as aventuras do campo de férias e, claro está, do Filipe. Enquanto ela falava e gesticulava, a Maria mal a ouvia, não conseguia concentrar-se noutra coisa senão nas saudades que ia sentir desta irmã extrovertida e tão cómica que enchia a casa como mais ninguém fazia.

– Ei, ei, Mónica! – interrompeu a Maria, pousando a caneta com que escrevera o diário. – Não me contes tudo de uma vez, senão esgotas as pilhas antes do jantar!

– Tu não estás a perceber, Maria, que foi o Filipe que me deu o coelho e vinha com uma mensagem... linda, brutal?! Queres ver?

E tirou do bolso das calças um papel amachucado que estendeu à Maria. Esta, com um gesto, afastou a mão da irmã e continuou:

– Temos de falar, Mónica. Eu quero que saibas por mim. Consegues parar um segundo e ouvir?

A Mónica assentiu com a cabeça, baixou-se para apanhar o coelho que tentava roer uma pantufa da Maria,

pegou nele ao colo com meiguice, fazendo-lhe festinhas nas orelhas, e sentou-se de pernas cruzadas na cama da irmã, encenando o ar mais sério do mundo.

– Já sei! Estás grávida!

– Enlouqueceste? – perguntou a Maria, com uma gargalhada.

– Uff! Ainda bem! Não estou preparada para ser tia! Então, se não vou ser tia... deixa cá ver... já sei! Estás doente, não é? Diz lá, Maria, não me faças mais nervos! Aterro aqui de para-quedas, e o Miguel põe-se logo na estação com mistérios! Vá! Desembucha! Acabaste com o João Pedro? Namoras com outro? Vais viver para Lisboa? Para o Porto? Vais pôr um *piercing*? Uma tatuagem? Dizzzzzzz!!!!

– Se tu parares de falar, eu digo.

– Está bem, eu calo-me, mas conta-me tudo, depressa!

A Maria, não sabendo por onde começar, tossiu, fechou o diário e, para ganhar tempo, levantou-se da secretária e sentou-se na cama ao lado da Mónica, de modo a poder também ela fazer festas ao coelho.

– Diz lá, Maria, estou em pulgas! É boa ou má notícia?

– Depende: para mim é boa, acho eu, mas não sei bem...

– Menina Maria, posso deitar fora esta mochila velha, ou vai levá-la para a América?

Era a Alice que espreitava à porta, com uma mochila desbotada verde-tropa na mão.

– Para a América, Maria? Que história é essa? – interrompeu a Mónica, de sobrolho franzido.

– Não a deites fora, Alice, essa é de estimação. Claro que a vou levar.

A Alice saiu dali a abanar a cabeça, com a mochila na ponta dos dedos, como se tivesse nojo de tocar naquele lixo.

A Mónica voltou à carga:

– Vais à América... era essa a notícia?

– Não vou à América, vou *para* a América! Não faças essa cara, Mónica, é só por um ano.

– Um ano? Achas pouco? E não me dizias nada? É indecente, Maria, não te perdo!

– Vá lá, irmãzinha, eu explico-te tudo, com calma.

– E, voltando as suas atenções para o animal, comentou: – Olha, este adormeceu!

O coelho deu um estremeção no colo da Mónica, como se estivesse a sonhar, indiferente às confidências das duas raparigas.

– Acho bem que me expliques já essa história tintim por tintim... Grande maluca! Um ano na América? Tudo combinado nas minhas costas! E como julgas tu que eu vou sobreviver sem ti? Diz lá! E a mãe e o pai? E a Madalena e a Alice, e o *Mister*?!

– Calma, Mónica, podes ouvir sem interromper?

A Mónica suspirou, pousou o coelho na colcha, esticou as pernas, ajeitou as almofadas nas costas e pediu:

– Vá, podes começar...

\*\*\*\*\*

– Queres mais bolonhesa?

– Não, mãe, obrigado.

– E queijo ralado? Toma! Põe por cima da massa, tu gostas!

– Estou sem fome – disse o João Pedro, pousando na mesa o frasco de queijo ralado que a mãe lhe estendia.

A mãe fez uma cara de desagrado. Custava-lhe ver o filho assim, ainda por cima na véspera de partirem de férias para o Algarve. Havia uma semana que o João Pedro andava cabisbaixo, soturno, a perder a alegria que lhe era habitual. Não queria montar a cavalo, sair com os amigos, passear pela quinta ou dar mergulhos na piscina. Passava horas no computador a gravar músicas para o mp3: só isso o parecia entreter.

– Posso sair da mesa?

– Não, filho, falta a sobremesa, são amoras!

– Não me apetece nada, mãe.

O João Pedro, não fazendo caso nenhum do que a mãe acabara de dizer, juntou os talheres no prato, enfiou o guardanapo na argola e levantou-se da mesa.

– Desculpe lá, mãe, mas preciso de ir ao Messenger... pode ser? Não se zangue!

A mãe encolheu os ombros, pensando que seria melhor não o contrariar, visto que algo de anormal se estaria certamente a passar com ele. Nada melhor do que dez dias

à beira-mar para conversarem com calma e retemperarem ânimos.

– Lembra-te de que tens de fazer a mala hoje. Deixa tudo pronto, já sabes como é o teu pai: quer sair logo de manhã bem cedo.

– Oh, grande trabalho! A minha mala são dois fatos de banho, três *T-shirts*, umas havaianas, os livros e um «sonzinho»; não demora nada.

Deu uma corrida até ao quarto, fechou a porta, sentou-se na mesa em frente à janela e ligou o Messenger, na esperança de que a Maria estivesse *online*.

Mas nada. Era hora de jantar em casa da família Machado. Foi então ao Facebook. Aquilo doía-lhe tanto... Voltou a ver o novo *post* que a Maria tinha deixado: uma fotografia da família em casa de quem ela ia viver um ano inteiro.

A «mãe», uma americana típica, gordinha e luzidia de cabelo caju, que dava pelo nome de Mrs. Davis; o pai, de farto bigode arruivado, camisola de alças com a bandeira americana estampada em cima da sua volumosa barriga, Mr. Davis; a filha, mais ou menos da idade da Maria, Sarah, parecia-lhe uma daquelas lambisgoias desmazeladas tiradas de uma novela para adolescentes e usava um totó desajeitado no cocuruto da cabeça, deixando cair uma melena loira para cima dos olhos, e vestia jardineiras; e, por fim, um irmão mais novo, Tom. Teria 7 ou 8 anos, desdentado e com o cabelo cortado à escovinha, que na fotografia aparecia sentado numa miniatura de uma moto *Harley*. Clicando em cada uma das personagens, surgia a

título de legenda – *mom, dad, sis, brother*. Como ele odiava aquilo tudo! Para cúmulo, por trás da ilustre família, via-se um cartaz enorme onde se lia «*Wellcome Maria, this is your family*».

Era aquele então o novo mundo da Maria... Não se conformava! A Maria iria ter de chamar *mom* àquele bisonte? E *dad* ao troglodita de bigodaça? Mas como é que a sua Maria era capaz de trocar – sim, porque não era por umas semaninhas, mas *trocar* por um ano, e nunca este verbo lhe tinha tocado com tanta força – a família Machado, a sua família de sangue, por aqueles gringos selvagens? Como?!

Já tinham falado tudo o que havia a falar, ele já ouvira todos os seus argumentos de fio a pavio, a desculpa de que era uma experiência única, um desafio que lhe ia abrir horizontes, mergulhar numa cultura diferente, fazer novos amigos, numa nova escola... Nada disto o consolava, nem sequer a sua jura de fidelidade, a promessa de falarem todos os dias no Skype... um ano era muito tempo. Tempo de mais para namorar à distância, tempo de menos para a conseguir tirar da cabeça... Ia perder a sua Maria, era certo e sabido... e isso é que o magoava...

Dizem que o futuro é feito de passado? Uma ova...! Mesmo para ele, que tinha a experiência de trocar constantemente de país, de escola, de colegas... Sobretudo para ele, que, por ter esta experiência, sabia bem que raramente a distância aproxima as pessoas...

Com as costas da mão, o João Pedro esfregou os olhos enquanto clicava no *escape* para sair daquela agonia.

Ficou por instantes com o olhar preso no ambiente de trabalho, onde a foto da Maria, cheia de luz, com o rio por trás, se ria para ele. Engoliu em seco, esforçando-se por não chorar. Como é que ela lhe pudera fazer aquilo? Como?

